

## Judaísmo: a identidade que sobreviveu a propaganda nazista

Renato Somberg Pfeffer<sup>1</sup>  
Cláudia Osna Geber<sup>2</sup>

### Resumo:

Defendendo a ideia de que a propaganda Nazista tinha como um de seus principais ideais a destruição do povo judeu e de tudo que ele representa, este estudo tem como objetivo o entendimento da sobrevivência da identidade judaica frente a esta ideologia. Por meio da análise qualitativa do polêmico conceito da identidade étnica judaica e do entendimento do que foi a propaganda nazista, o artigo argumenta que a sobrevivência judaica, tanto física quanto identitária, simboliza o fracasso do projeto nazista e abre perspectivas para se repensar a crise de identidade na sociedade pós-moderna.

**Palavras-chave:** Judaísmo, Propaganda, Nazismo.

### Abstract:

By defending the idea that Nazi Germany's advertising had the destruction of the Jewish people and everything it represents as its main objective, this article's main purpose is to accomplish a study of Jewish identity and how it has survived through Nazi ideology. Analyzing the controversial concepts of Jewish identity and understating what Nazi advertising meant, this article argues that Jewish survival, both physically and identity-wise, symbolizes the fall of The Nazi Project and leaves space to rethink the identity crises in a postmodern society.

**Keywords:** Jewish, Advertising, Nazism.

Artigo recebido em: 06/09/2016.

Aceito em: 23/01/2017.

1 Doutor em Filosofia (Universidade Complutense de Madri), Mestre em Sociologia (UFMG e graduado em Comunicação (UFMG). Professor da Faculdade Ibmec. Email: renatopfeffer@yahoo.com.br

2 Mestranda em Comunicação pela PUC-PR, pós-graduada em Marketing (FAE) e graduada em Publicidade e Propaganda (Universidade Positivo) e em Administração (UFPR). E-mail: claudia.osna@gmail.com.

## Introdução

O presente artigo tem como motivação dois fortes pilares, sendo o primeiro deles o objetivo propagado em diversas comunidades judaicas ao redor do mundo de nunca se deixar esquecer os horrores perpetrados pelo regime nazista e, sendo o segundo, o interesse acadêmico em compreender como um grupo étnico pôde sobreviver às barbáries da Segunda Guerra Mundial lutando pela preservação de sua identidade.

Buscando compreender a sobrevivência judaica, tanto física quanto identitária, por meio da análise do polêmico entendimento do conceito da identidade étnica judaica, este estudo defende a ideia de que a propaganda Nazista tinha como um de seus principais objetivos a destruição desta, mas fracassou, abrindo perspectivas para se repensar a crise de identidade na sociedade pós-moderna.

Objetivando compreender como a identidade judaica sobreviveu frente ao ideal nazista de destruí-la propõe-se como método investigativo a abordagem qualitativa. Burawoy (1998, apud por MENDES, 2003) apresenta os quatro princípios básicos dos métodos qualitativos de pesquisa, a saber:

a intersubjetividade entre o analista e os sujeitos em estudo; a entrada no mundo vivido das pessoas que se está a estudar; a relação dos processos locais com as forças externas; e o objetivo de reconstruir uma teoria já existente, atendendo à ligação entre teoria e ideologia (BURAWOY apud MENDES, 2003, p.4).

Em relação ao papel ocupado pelo pesquisador, é importante levar em consideração que a opção metodológica adotada não permite que o analista se subtraia aos viesamentos e opções pessoais, nem dá acesso a um qualquer lugar transcendente e onisciente. Complexificam só os resultados e as conclusões e permite-se estabelecer ligações, embora provisórias, entre os fenômenos em análise, além de descobrir similitudes e diferenças inesperadas (MENDES, 2003, p.2).

O objetivo nazista mencionado de destruir a identidade judaica fica evidente quando analisamos que, segundo Whiteside (2013), entre 1935 e 1945, cerca de seis milhões de judeus foram mortos como consequência das políticas nazistas do período, sendo a maior parte em 1941 com parte da “Solução Final”, que pretendia a eliminação física da população judaica através do envio desta aos campos de extermínio. Dentre as diversas ações nazistas, destaca-se nesse estudo a propaganda, que através da propagação do conceito de superioridade da raça ariana e inferioridade das demais raças, povos e etnias, em especial dos judeus, buscou destruir a identidade destes (RUDIGUER, 2014).

O fracasso concreto do objetivo nazista é realçado, também segundo Whiteside (2013), quando se averigua que a atual população judaica mundial gira em torno de

13,8 milhões, um número pouco menor que a quantidade de judeus que os censos indicavam no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial. Tão importante quanto o dado numérico é a constatação de que as comunidades judaicas espalhadas pelo mundo e no Estado de Israel mantêm vivas as multifacetadas tradições culturais e religiosas que garantem a sobrevivência da identidade judaica.

## A questão da identidade judaica

O conceito de identidade é formado por um processo social e determinado por uma estrutura social específica que pode ser mantida, modificada e redefinida (BERGER E LUCKMAN, 1996). Freud (apud CUNHA, 2000) vincula a noção de identidade ao conceito das ideias ou representações na busca do restabelecimento de uma vivência primária de satisfação. Indo além desta definição, Freud traz para si a questão da identidade judaica ao discursar para uma sociedade de intelectuais judeus e abordar a questão de identidade íntima, de familiaridade e de uma mesma “construcción anímica” (FREUD apud CUNHA, 2000, p. 222) entre ele e o povo judeu. Nesta fala, Freud deixa clara a familiaridade e o reconhecimento íntimo, que representa a possibilidade de falar e ser escutado, e a possibilidade de ser acolhido como igual.

A questão da identidade judaica é bastante controversa, tendo diferentes entendimentos para diferentes autores, como fica patente na dubiedade da posição freudiana. Uma primeira questão é se a identidade judaica existe em si ou se ela é forjada nas relações históricas a partir do outro. Uma segunda questão é como ela se constrói e se reconstrói ao longo do tempo.

As teorias de Parsons (1975) e Barth (1969) fundamentam a resposta afirmativa para a primeira questão levantada e defendida nesse artigo, da existência da identidade judaica em si independentemente de elementos externos.

Sob uma perspectiva sociológica, Parsons (1975) afirmaria que o grupo judaico possui, com respeito a seus próprios sentimentos e aos daqueles que não são membros, uma identidade distintiva. Esta possui componentes tais quais: tradição cultural, aderência voluntária dos membros, solidariedade, transgeracionalidade e endogamia. A cultura comum, em especial a religião, é a mais importante característica, mesmo que esta seja marcada por rupturas de continuidade muitas vezes ligadas a um passado indefinido. Abulof (2014), ao analisar a relação entre nacionalismo e religião desde a fundação do Estado de Israel em 1948, corrobora essa ideia ao afirmar que ao longo do tempo tem havido uma seleção e uma reinterpretação dos símbolos e rituais religiosos judaicos pelo movimento sionista que torna praticamente impossível perceber onde acaba a religião e começa a identidade judaica.

Sob uma perspectiva antropológica, Barth (1969) também consideraria o grupo judaico como identidade étnica, devido à organização social interna representada

pelas comunidades, cuja origem na religião era essencialmente gregária. A teoria de Barth surge a partir da constatação empírica de que determinadas sociedades, aparentemente condenadas, subsistiam. Ele critica o conceito de grupo étnico como unidade possuidora de cultura para concebê-lo como tipo organizacional. A existência de um grupo étnico passa a ser percebida em termos de organização social interna, que expressa uma identidade diferencial diante da sociedade em seu conjunto e dos demais grupos que a compõem. A identidade étnica estabelece os limites e reforça a solidariedade de grupo em relação aos demais e, nesse processo, simultaneamente, são identificados pelos outros, classificando-se a si mesmos e aos outros.

A discussão antropológica e a sociológica do conceito de identidade étnica não são mutuamente excludentes. Parsons (1975) e Abulof (2014) enfatizam o componente de cultura (religião) comum; essa seria transgeracional e acabaria gerando solidariedade entre os membros, que, por sua vez, aderem voluntariamente ao grupo. Barth (1969) secundariza a questão cultural para abordar a etnicidade em termos de organização social interna reforçando a solidariedade dos membros. Esses autores, porém, concordam no fundamental: existem identidades particulares que subsistem em sociedades plurais, seja pelo componente cultural, seja pelo organizacional.

Os judeus persistiram ao longo da História por possuírem ambos componentes gerados pelas características da própria religião. São essas características que vão guiá-los no relacionamento com grupos diferentes ao longo de sua história de exílio. Partindo do princípio de que existem elementos que permitem a afirmação da existência de uma identidade judaica em si, chega-se à segunda questão levantada: como essa identidade é mantida e reconstruída ao longo do tempo?

Apesar de discordarem da existência da identidade judaica em si afirmando que esta é apenas relacional, as teorias de Pinsky (1978) e Zveibil (1991) são convincentes para explicar a construção da identidade judaica ao longo do tempo.

Pinsky (1978) trata a questão da manutenção da etnicidade judaica como um caso *sui generis*: o grupo judaico não apresentaria qualquer uma das características nacionais que identificam um povo - não habitam o mesmo território, não integram a mesma economia, não apresentam laços de interesses comuns e conflitantes que formam uma realidade nacional, não falam a mesma língua, possuem uma diversidade cultural imensa dadas as muitas comunidades espalhadas pelo mundo e pode-se dizer que nem a religião pode ser considerada a mesma, dada a parcela cada vez maior de judeus que a abandonou nesses últimos duzentos anos.

Como, então, é produzido e reproduzido o judeu como ser social? Ao examinar as condições históricas quase sempre hostis vivenciadas pelos judeus, Pinsky tenta desmistificar o milagre da persistência dos judeus ao longo de vinte séculos de dispersão. O judeu persiste não pelas incontáveis perseguições de que foi objeto, mas, precisamente, por causa delas. A identidade judaica se forma, para ele, a partir de

fatores externos. Nesse sentido, as perseguições nazistas teriam reforçado a identidade judaica.

No mesmo diapasão, Zveibl (1991) afirma que se pode perceber que as comunidades judaicas apresentam uma fluidez tal que impede sua delimitação precisa. Ou seja, se tomássemos apenas os denominadores raça, traço cultural ou procedência nacional, não encontraríamos um grupo étnico judaico. Ela propõe duas dimensões que se encontram e se relacionam na formação da identidade étnica: 1) o judeu como produto de seu passado histórico, que possui determinações próprias e comuns; 2) o modo particular como o judeu se manifesta como grupo étnico, em comunidades mais ou menos isoladas, em diferentes contextos nacionais. Defende-se aqui que o grupo étnico não depende apenas da natureza de características objetivas próprias, como as raciais, culturais ou nacionais, mas, sim, da situação de interação social, na qual características diferenciais como alimentares, linguísticas, vestuário, etc., são utilizadas para a definição do grupo. As peculiaridades étnicas seriam construídas pela própria situação de interação e tendem a se modificar-perpetuar para se constituírem em expressões simbólicas da identidade do grupo. Esse processo estaria ocorrendo hoje no Estado de Israel segundo Ficher (2013) na medida em que a interação entre religião e identidade étnica-social ocorre constantemente e tende a se perpetuar, impedindo qualquer afirmação sobre o que ocorrerá no futuro: uma fusão entre religião e identidade que torne a sociedade cada vez mais religiosa ou, ao contrário, a formação de uma sociedade cada vez mais laica que dissocie identidade e religião. De qualquer forma, essa interação social estaria forjando novas expressões simbólicas de identidade grupal.

Pinsky (1978) e Zveibl (1991) levantam duas hipóteses distintas para a reconstrução permanente da identidade judaica: o primeiro nega a existência de uma identidade judaica em si e afirma ter sido esta formada e preservada a partir da perseguição sofrida pelos judeus. Zveibl, por sua vez e também negando a existência de uma identidade étnica judaica em si, declara que é na situação de interação social com a sociedade mais ampla que se forma esta identidade. O paradoxal nessas posições é que a perseguição aos judeus ou a interação social só são possíveis se, a priori, existirem elementos específicos do grupo. A contribuição de ambos os autores é fundamental para o entendimento da preservação e reconstrução da identidade judaica como fruto da relação - hostil ou não - com o mundo maior. Ou seja, ambas as teorias explicam a construção e reconstrução do ser judeu ao longo do tempo.

Por outro lado, o presente artigo defende, baseado em teorias como as de Parsons (1975), Abulof (2014) e Barth (1969), a existência de uma identidade judaica em si. A partir desta identidade pré-existente dada por elementos culturais-religiosos ou organizacionais, os judeus moldariam seu ser ao longo das relações estabelecidas em sua história.

## O desejo nazista de exterminar a identidade judaica

Toda mentira é mais crível quanto mais for (GOEBELS apud TERENO, 2007, p. 1)

O contexto histórico de ascensão do Nazismo está relacionado diretamente às humilhações sofridas pela Alemanha no pós-Primeira Guerra Mundial, em especial, pelo tratado de Versalhes. O Nazismo foi um movimento nacionalista de afirmação da identidade alemã. O regime político inaugurado por Hitler buscava reforçar os laços de identidade nacional incentivando o sentimento nacionalista, a xenofobia, o extermínio de seus inimigos internos ou externos, imaginários ou não. O paradoxo do regime nazista é a afirmação da identidade alemã através da eliminação de outras identidades, entre elas, a dos judeus (MATOZO; ZULATO, 2015).

O regime político instalado por Hitler provocou a banalização do valor da vida, em flagrante desrespeito ao próximo e aos direitos humanos. A violência nazista ocorreu em vários níveis. No campo da guerra, a mais tradicional das violências, Hitler ignorou qualquer forma de institucionalização ou ritualização. Os soldados dos exércitos inimigos não eram reconhecidos como pessoas, os prisioneiros eram desrespeitados e os civis não eram poupados. Ele também se utilizou de massacres ao desencadear o ódio selvagem dos alemães contra minorias e dando vazão às mais terríveis pulsões destrutivas: prisioneiros eram mortos sem julgamento assim como crianças e velhos executados, tornando a tortura trivial. Por fim, Hitler sistematizou um modelo racional para eliminação em massa daqueles que considerava uma ameaça à nação alemã: comunistas, eslavos, homossexuais, judeus, entre outros. Os campos de extermínio, que tiveram como foco central os judeus, representam o ápice desse projeto racional (FINKELSTEIN, 2001).

A tragédia nazista, porém, não se restringe ao extermínio físico do inimigo. Era necessário exterminar seu espírito, sua identidade. A principal arma utilizada na Alemanha nazista com esse propósito foi a propaganda. Através dela, Hitler se valeu da ideologia de superioridade da raça ariana para massificar uma imagem negativa daqueles que pretendia eliminar, em especial os judeus, de forma a minar essas identidades (FINKELSTEIN, 2001).

Entendendo o conceito de propaganda como “o conjunto dos meios destinados a informar o público e convencê-lo a comprar um produto ou serviço” (LEDUC apud BERTOMEU, 2002, p. 17), Osna (OSNA et al., 2005) considera que a mesma deve ser dinâmica, desenvolvida a partir de um ponto de vista estratégico e eficaz, sendo criativa e persuasiva/informativa.

Para Rudiger (2014), entre as principais lições da Primeira Guerra Mundial aprendidas pelos partidos radicais estão as relativas à visão estratégica da propaganda para alcançar seus objetivos. A propaganda nazista, aliada ao monopólio dos

meios de comunicação, foi uma poderosa ferramenta de estereotipação da identidade judaica através da representação de forma pejorativa.

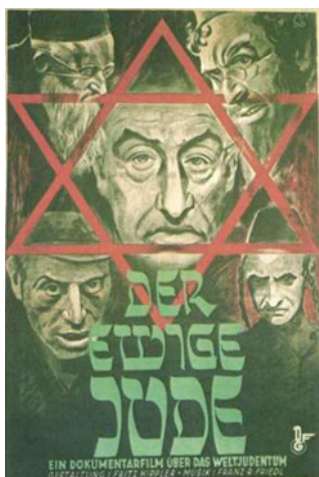
Hitler, de acordo com Mafalfo e Moraes (2011), conseguiu reerguer uma Alemanha derrotada na Primeira Guerra Mundial através de uma campanha publicitária que aliava técnicas e ferramentas elaboradas para manipular e persuadir uma nação inteira. A propaganda nazista utilizou da constante repetição do sujeito político chamado pejorativamente de *jewry* como o culpado por prolongar a Segunda Guerra Mundial e por conspirar para a derrota do Estado Alemão. Enquanto os alemães eram representados como vítimas, criou-se uma paranoia coletiva em torno da imagem dos judeus vistos como algozes. Do começo ao fim da Guerra, a narrativa paranoica anti-judaica apresentada na propaganda reforçou a grandiosidade do regime Nazista e justificou sua política de genocídio. Essa narrativa se transformou em um verdadeiro “mandato para o genocídio” (HEREF, 2008, p. 62). Em *Mein Kampf*, Hitler (1925) já identificava a força da propaganda como instrumento para atrair apoiadores, inventar inimigos e como ferramenta de transformação de uma ideia genérica em uma ideia vitoriosa; ou, dito de outra maneira, de transformar ilusões em verdade na percepção popular.

Alguns exemplos de propaganda nazista identificados por Andolini (2013) e por Wade (2010) em cartazes espalhados pelas cidades alemãs ilustram claramente o teor antissemita citado anteriormente, contribuindo para a consolidação de uma imagem pejorativa do judeu. A essência do eterno judeu (*Der ewige jude*) é a manutenção da guerra (figura 1), a mesquinhez (figura 2) e sua ligação com o comunismo (figura 3). Por esse motivo, deveriam ser expulsos das escolas (figura 4), impedindo o contato deles com a juventude ariana que, por sua vez, os estereotipavam nas salas de aula através de seus narizes curvos (figura 5) <sup>3</sup>.

**Figura 1 - Judeus: mantêm a guerra**



**Figura 2 - O eterno judeu**



**Figura 3 - O eterno judeu**



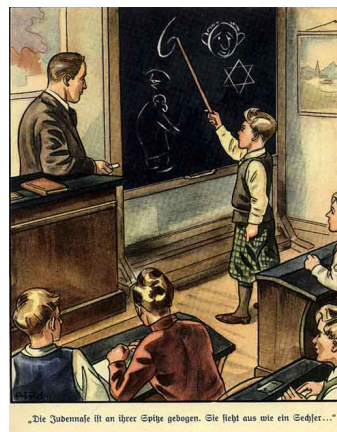
Fonte: Wade (2010).

<sup>3</sup> As figuras 1, 2 e 3 estão disponíveis em: WADE, L. Nazi Anti-Jewish Propaganda. Disponível em: <<https://thesocietypages.org/socimages/2010/02/03/nazi-anti-jewish-propaganda/>>. Acesso em 17/08/2016. As figuras 4 e 5 estão disponíveis em: ANDOLINI, L. 10 peças perturbadoras de propaganda nazista para jovens. <<http://papodehomem.com.br/10-pecas-perturbadoras-de-propaganda-nazista-para-jovens>>. Acesso em 17/8/2016.

**Figura 4 - Judeus sendo expulsos da escola**



**Figura 5 - O nariz do judeu sendo retratado pelo número 6**



Fonte: Andolini (2013).

Para Herf (2008, p.62, tradução nossa)

a propaganda nazista apresentou a Guerra alemã como uma Guerra contra os aliados com a intenção de *exterminar* os judeus da Europa como parte de uma Guerra maior de retaliação e defesa. A escala da política nazista da perseguição ao extermínio foi acompanhada de uma radicalização da linguagem pública alemã sobre os judeus<sup>4</sup>.

De acordo com Rodrigues (2004), o movimento nazista na Alemanha dos anos 1920 não chegava nem a ser um partido e tinha menos de mil adeptos quando Goebbels, futuro ministro da propaganda nazista, foi contratado por Hitler para difundir as ideias do nacional-socialismo. Goebbels (apud RODRIGUES, 2004, p.1) dizia que a “propaganda jamais apela à razão, mas sempre à emoção e ao instinto”, e ele soube manter o domínio das emoções do povo. Para Rudiger (2014), Goebbels acreditava que a propaganda poderia mobilizar as massas se explorada com a devida linguagem e as crenças mais profundas. Segundo Herf (2008), Goebbels assumiu o Ministério da Propaganda em 1933 liderando uma equipe de 1.300 pessoas e se tornou o rosto da propaganda nazista. Em 1939, seu ministério englobava propaganda, imprensa doméstica e internacional, rádio, cinema, teatro, roteiros, artes, música e cultura popular. Na sua primeira conferência, em 1933, Goebbels declarou que “a essência da propaganda é a simplicidade, a força e a concentração. Objetividade é um mito. Nada no mundo existe sem um tendenciamento” (apud HERF, 2008, p. 369).

O movimento nazista objetivava, além da instalação de um poder único no país, a destruição das estruturas de opinião liberal, utilizando-se da propaganda para o ataque aberto aos inimigos internos e externos do governo. O princípio da liberdade

<sup>4</sup> No original: “Nazi propaganda presented Germany’s war against the Allies and its intention to “exterminate” the Jews of Europe as part of one overarching war of retaliation and defense. This escalation of Nazi policy from persecution to extermination was accompanied and prefigured by a radicalization of Nazi Germany’s public language about the Jews” (Herf, 2008, p.62).



de opinião foi suprimido para se manter a unidade nacional e dar vazão aos instintos do povo alemão (RUDIGER, 2014). A propaganda e os comícios nazistas que arrastavam multidões tinham por objetivo conduzir a um novo ideal de beleza e bem-estar físico, guiando a nação alemã rumo a uma nova esperança após a derrota humilhante na primeira grande guerra. Nesse contexto, os nazistas incitavam o ódio visceral aos judeus, considerados os responsáveis pela decadência da Alemanha e passavam a defender a eugenia como solução da questão judaica (TERENO, 2007).

Para Gombrich (apud HERF, 2008, p. 73, tradução nossa)

a propaganda nazista criou um mito mundial de transformar o universo político em um conflito de pessoas e personificações no qual um alemão saudável luta contra demônios, judeus em sua maioria. Os judeus eram o cimento desse mito, primeiro na batalha política com os alemães e depois no segmento internacional<sup>5</sup>.

A propagação do conceito de superioridade da raça ariana e inferioridade das demais raças, povos e etnias, em especial dos judeus, foi transformada em imagens e símbolos pela propaganda nazista. Enquanto a guerra, os massacres e os campos de extermínio visavam a eliminação física do inimigo, a propaganda buscava a destruição da memória coletiva, da identidade e essência de quem se propunha diferente.

## **A sobrevivência da identidade judaica após o holocausto a partir do elemento religioso**

Segundo Finkelstein (1962), existem duas fontes de estatísticas demográficas judaicas: os censos demográficos oficiais e as pesquisas privadas de agências e instituições comunitárias. Nem todos os recenseamentos oficiais coletam estatísticas de religião, enquanto os órgãos estatísticos judaicos privados mostraram-se, onde quer que tenham sido organizados, substitutos precários para os censos oficiais. Em consequência, as estatísticas demográficas judaicas são incompletas e deficientes por natureza.

Ainda assim, existem relevantes dados como a publicação anual da *American Jewish Committee* de um balanço da comunidade judaica em âmbito mundial. Além das estatísticas de Israel, especialistas em população monitoram a situação das comunidades da diáspora, tanto através do acompanhamento das estatísticas nacionais, quanto através de uma bem informada avaliação e comparação dos dados disponíveis, sejam eles de origem oficial ou não.

Com estes dados é possível constatar, segundo Whiteside (2013), que setenta anos depois do Holocausto a população judaica no mundo continua a ser menor do

<sup>5</sup> No original: "A quarter century later, Gombrich wrote that Nazi propaganda had created a mythic world by "transforming the political universe into a conflict of persons and personifications" in which a virtuous young Germany fought manfully against evil schemers, above all the Jews. The Jews were the cement for this myth, first in the political battles within Germany and then on the international plane" (Herf, 2008, p. 73).

que em 1938. Antes da segunda guerra mundial a população estimada era de 16,5 milhões, hoje de 13,8 milhões. Por outro lado, também é possível perceber o crescimento paulatino e constante desta população. Seja no Estado de Israel ou nas comunidades judaicas espalhadas pelo mundo, a continuidade do povo judeu é evidente.

Segundo o estudo “Fatos sobre Israel”, realizado pelo Ministério das Relações Exteriores de Israel (2010), mesmo separados geograficamente os judeus conseguiram se preservar como uma nação após o genocídio nazista, ligados pela história, religião e pátria comuns.

Diversas teorias têm sido aventadas para explicar essa sobrevivência. Sacks (1993), por exemplo, afirma que “o segredo da continuidade judaica é que nenhum outro povo devotou mais suas energias à continuidade. O ponto focal da vida judaica é a transmissão de um legado através das gerações”. Segundo este autor, rabino chefe da Inglaterra, nenhum outro povo tem mantido sua identidade tão intacta frente a um cenário de tantas adversidades, e isso ocorre porque o Judaísmo é uma religião de continuidade, que significa que ser judeu é ser um elo em uma cadeia de gerações. Sacks explica essa continuidade considerando que a primeira ordem na Torá (o velho Testamento e a Bíblia dos judeus) não é crer, e sim ter filhos. Segundo ele, Abrão é considerado o escolhido não por ser justo, mas porque “ele instruirá seus filhos e sua família depois dele.” O autor considera também, e principalmente, que desde o início o Judaísmo baseou sua sobrevivência na educação, no sentido mais vasto da palavra, sendo a consideração do estudo como valor judaico soberano o motivo dominante que vincula as várias eras do povo de Israel.

O presente artigo defende a ideia de que o elemento religioso foi fundamental para a manutenção da identidade judaica durante e após os eventos da Segunda Guerra Mundial. A racionalidade instrumental do projeto nazista de extermínio judaico, seja através dos campos de extermínio ou da propaganda, se mostrou incapaz de eliminar os judeus porque estes conseguiram adaptar seus valores religiosos ao projeto de sobrevivência.

Embora a fundação do Estado de Israel em 1948 possa ser considerada um elemento importante na manutenção da identidade judaica, a maior parte dos judeus continua vivendo como identidade étnica diferenciada em sociedades diferenciadas e plurais na diáspora. Após o fenômeno nazista, os judeus continuaram a se adaptar à nova realidade construindo sua ação social em torno de sua identidade primária, a identidade religiosa. Certamente, a religião judaica também passou por um processo de transformação se tornando cada vez mais multifacetada. Muitos judeus, por outro lado, abandonaram o tradicionalismo religioso e se secularizaram, mas, mesmo assim, mantiveram o vínculo com os princípios fundamentais derivados da religião.

As explicações para manutenção da etnicidade judaica que se baseiam em antissemitismo ou formas de organização comunitária são insuficientes. Essas análises

deixam de destacar os elementos distintivos do povo, encontrados na bíblia judaica e que garantiriam sua manutenção: a consciência étnica (endogamia aliada à auto-denominação “Casa de Israel”), a religião monoteísta, a formação de congregações a partir de uma vontade comum, e o elemento territorial (a “Terra Prometida”). A bíblia judaica ainda ordena uma série de atividades ritualistas que contribuíram para manter e reafirmar os sentimentos e ideias coletivas que constituem a unidade e a personalidade do povo judeu. Essas representações coletivas, originadas da religião, seriam a fonte da persistência do judaísmo.

O mundo judaico do *shtetl* (pequenas cidades judaicas que predominavam na Europa antes da Segunda Guerra) havia desaparecido. Os judeus precisavam no pós-guerra tornar-se cidadãos e estabelecer relações de igualdade como os demais. As respostas para esse problema oscilavam e ainda persistem: isolacionismo, integração plena, socialismo, sionismo e suas variantes. Esses movimentos buscavam um lugar no mundo secular para os judeus; porém, não podiam deixar de se basear na milenar mensagem religiosa.

A principal característica do judeu no período pós-holocausto é sua falta de ambientação. Ele não pertence mais ao *shtetl* tampouco ao mundo contemporâneo. Desenraizados da segurança dos rituais religiosos e do espaço físico onde viviam, esses judeus buscavam um porto seguro. A fundação do Estado de Israel é apenas parte desse projeto. A maior parte dos sobreviventes da Segunda Guerra emigrou da Europa para Israel ou para um novo exílio formando comunidades autônomas.

Onde quer que aportassem, o serviço religioso adaptado às novas condições se tornou a norma iniciadora dessas comunidades. Tendo as tradições arraigadas em sua consciência coletiva, os judeus vão manter seus ritos de passagem (circuncisão, maioria religiosa, casamento e morte), festas religiosas comemoradas em casa e na sinagoga, instituições de beneficência, a comida *kasher derivadas das regras alimentares da bíblia judaica*, o rabino, as escolas judaicas... A religião lhes dava um sentido e uma orientação para a nova vida; mais do que isso, ela garantia a união.

Por outro lado, e paralelamente à manutenção dos costumes religiosos tradicionais, ideologias seculares como o Comunismo e o Sionismo também passam a fazer parte do novo mundo judaico. A dicotomia tradição X secularização ainda é sentida de forma intensa nas comunidades judaicas ao redor do mundo e no Estado de Israel. Essas ideologias, no entanto, não significavam uma real ruptura com a religião e sim uma adaptação de valores religiosos aos novos tempos. Elas podem ser concebidas com uma espécie de falsa secularização determinada pela racionalização ética da religião.

Muitos judeus que acreditavam estar rompendo com a tradição estavam imbuídos dos mandamentos morais da Torá e de um sistema de crença messiânica, que guiaram sua escolha ideológica. Os fundamentos religiosos das ideologias seculares

não foram percebidos pela maior parte daqueles que vivenciaram a História. Somente hoje, à luz do distanciamento temporal, é possível perceber esses fundamentos. A prova disso é que os descendentes de religiosos que abraçaram o pensamento secular ainda se autodenominam judeus. O elemento religioso foi e continua sendo o fator essencial na manutenção da identidade judaica.

## Conclusão

Como os judeus preservaram e preservam sua identidade durante as perseguições que foram alvo? A preservação da identidade como derivada do antissemitismo (PINSKY, 1978) ou das interações sociais estabelecidas ao longo da história (ZVEIBIL, 1991) são certamente explicações importantes para esse processo. Esse artigo, no entanto, defende que as características intrínsecas da religião judaica são elementos fundamentais para a manutenção da identidade judaica ao longo do tempo.

A religiosidade como fonte alternativa de identidade e significado para a vida é recorrente na história da humanidade. A história do povo judeu é exemplo dessa assertiva. Guiados pelos profetas, eles conseguiram manter-se como identidade étnica particular em sociedades diversas ao longo de sua história de exílio e perseguição. O exílio babilônico no século VI antes da era cristã é a primeira experiência em larga escala daquilo que ocorreria em diversos outros momentos da história do povo judeu e que teve seu apogeu durante o as perseguições nazistas. A preservação da identidade nesses e em outros momentos foi garantida pelo elemento religioso. Os judeus forjaram um “judaísmo portátil” ao longo do tempo que lhes permitia conservar sua identidade adaptando-se a cada cultura e a cada região.

Uma fé absoluta em Deus e a crença na punição e no futuro perdão Divino aproximaram os judeus no seu primeiro exílio, mantendo sua identidade seja na Babilônia, seja durante e após a Segunda Guerra Mundial. Exílio e perseguições são partes integrantes da vida judaica. Independentemente do lugar onde se estabelecessem ou da maneira como o antissemitismo se manifestasse, a identidade étnica se mantinha e era reconstruída a partir dos princípios religiosos derivados das escrituras.

## Referências

ABULOF, Uriel (2014). The Roles of Religion in National Legitimation: Judaism and Zionism's Elusive Quest for Legitimacy. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Clemson, USA, v. 3, n. 53, 2014, p.515–533.

ANDOLINI, L. 10 peças perturbadoras de propaganda nazista para jovens. **Papo de Homem**, 2010. <<http://papodehomem.com.br/10-pecas-perturbadoras-de-propaganda-nazista-para-jovens/> <http://papodehomem.com.br/10-pecas-perturbadoras-de-propaganda-nazista-para-jovens/>>. Acesso em 17/8/2016.

BARTH, F. **Ethnic groups boundaries: the social organization of culture difference.** Boston: Ed. Little Brown & co., 1969.

BERGER, P.L.; LUCKMAN, T. **The social construction of reality: a treatise in the sociology of knowledge.** New York: Doubleday, 1996.

BERTOMEU, J. **Criação na propaganda impressa.** São Paulo: Futura, 2002.

CUNHA, E. L. Uma interrogação psicanalítica das identidades. **Caderno crh**, Salvador, n. 33, jul./dez. 2000, p. 226.

FINKELSTEIN, N. G. **A indústria do Holocausto.** Reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FISHER, Netanel. 2013. **A Jewish State? Controversial Conversions and the Dispute Over Israel's Jewish Character.** Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s12397-013-9108-4>>. Acesso em 27/12/2016.

FINKELSTEIN, L. **The Jews: Their History, Culture and Religion.** Londres: Peter Owen Limited, 1961.

HERF, J. **The Jewish Enemy: Nazi Propaganda during World War II and the Holocaust.** Cambridge: Belknap Press, 2008.

HITLER, A. **Mein Kampf.** Alemanha. 1925. Disponível em <<http://sanderlei.com.br/PDF/Adolf-Hitler/Adolf-Hitler-Mein-Kampf-PT.pdf>>. Acesso em 27/13/2016.

MAFALFO, I.; MORAES, A. Manipulação e persuasão através da propaganda: O discurso político. **Revista Eletrônica do Curso de Especialização em Educação Ambiental da UFSM**, Santa Maria, n. 3, 2011, p. 434-467.

MATOZO, H. C.; ZULATO, M. S. **Alemanha nazista: ascensão e queda de Hitler.** 2015. Disponível em: <[http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2015/anais/Horacio\\_Cezar\\_Figueiredo\\_Matozo.pdf](http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2015/anais/Horacio_Cezar_Figueiredo_Matozo.pdf)>. Acesso em: 15/12/2016.

MENDES, J. M. O. **Perguntar e observar não basta, é preciso analisar: algumas reflexões metodológicas.** *Oficina do CES n°194*, setembro de 2003. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/194/194.pdf>>. Acesso em: 18/12/2016

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DE ISRAEL. **Fatos sobre Israel.** 2010. Disponível em <[http://embassies.gov.il/brasil/AboutTheEmbassy/Artigos\\_e\\_publicacoes/Documents/Fatos%20Sobre%20Israel.pdf](http://embassies.gov.il/brasil/AboutTheEmbassy/Artigos_e_publicacoes/Documents/Fatos%20Sobre%20Israel.pdf)>. Acesso em 18/12/2016.

OSNA, C., MILEK, C., NAUFFAL, L., LUCHETTA, T. **A representação da mulher na mídia impressa de joias.** Curitiba, Centro Universitário Positivo, Unicenp, 2005 (Monografia de conclusão do curso de Graduação em Publicidade e Propaganda, inédito).

PARSONS, T. Some theoretical considerations on the nature and trends of change of ethnicity. In: GLAZER, Nathan; MOYNIHAN, Daniel P. (dir.). **Ethnicity: Theory and**

Experience, Cambridge MA: Harvard University Press, 1975, 53-83.

PINSKY, J. **Origens do nacionalismo judaico**. São Paulo: Hucitec, 1978.

RODRIGUES, C. Técnicas de Goebbels expostas às claras. **Observatório da Imprensa**, 2004. Disponível em: < <http://observatoriodaimprensa.com.br/observatorio-da-propaganda/tecnicas-de-goebbels-expostas-as-claras/>>. Acesso em: 09/12/2015.

RÜDIGER, F. **Eugen Hadamovsky e a teoria da propaganda totalitária na Alemanha nazista**. 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/gal/v14n27/04.pdf>>. Acesso em 15/08/2016.

SACKS, J. **O segredo da continuidade judaica**. 1993. Disponível em < <http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/segredo/home.html>>. Acesso em 18/12/2016.

TERENO, Antônio Vitorino Simões. **A propaganda nazi em Portugal na II Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em História e Cultura europeia contemporâneas) - Universidade de Lisboa – Lisboa, 2007).

WADE, L. Nazi Anti-Jewish Propaganda. **The Society Pages**, 2010. Disponível em: < <https://thesocietypages.org/socimages/2010/02/03/nazi-anti-jewish-propaganda/>>. Acesso em 04 de agosto de 2016.

ZVEIBIL, Jane. **Identidade étnica judaica**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). USP, São Paulo, 1991.

WHITESIDE, D. Há menos judeus do que em 1938, 70 anos após o holocausto. **Exame**, 2013. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/ha-menos-judeus-do-que-em-1938-70-anos-apos-o-holocausto>>. Acesso em 05/08/2016.